

## Por um cinema *con alma*

por Spensy Pimentel

Um aparente desvio de foco, na verdade um recuo para o plano geral. Carta de Guimarães Rosa a João Condé: “Assim, pois, em 1937 (...), quando chegou a hora de o Sagarana ser escrito, (...) tinha de pensar (...) na palavra arte, em tudo o que ela para mim representava, como corpo e como alma; como um daqueles variados caminhos que levam do temporal ao eterno, principalmente.” Assim é o momento em que germina a obra, inevitavelmente. Ignorá-lo é também uma opção (*cosi cosi*), reinante nesses tempos de descompromisso pilatiano. E as novas torneiras nem mesmo exigem que se toque o metal. Assepticidade (ceticidade) total. Corta.

Recife. Porto. Dois homens conversam em árabe. No ar, uma frase: “Os inquietos mudarão o mundo”. Repare: não os insatisfeitos ou incomodados. Os incomodados se retiram. Digo: a inquietude. Um Benjamin Abrahão sai pela caatinga com sua arapuca a corda para engaiolar a alma de Lampião e seu bando. Se provoca sua ruína ou se a documenta, sabe Deus. Sessenta anos depois, jovens do manguê recontam sua saga. Tambores, guitarras, maracatu, hip-hop. “Capiberibe”, eles dizem. “Capibaribe!”, brada o Veado Preto. Corta. Manaus. Um homem via espíritos, dançava nu com os índios, filmava. Ele também caçava: a alma da maior floresta do mundo. Silvino Santos, resgatado do limbo por Aurélio Michiles. Aparte: o documentário se recusa a subir um degrau - olha ao rés-do-chão, quando o protagonista ansiava pela altura. Corta.

Buenos Aires. Um jovem ama uma louca e aprende a fotografar almas. Anos depois Héctor Babenco também seria brasileiro, apaixonado por um paraíso maculado pela crueldade que não respeita a inocência, de uma criança, de um índio, de um bandoleiro. Mas nesse então, era só um coração jovem, e não esqueçamos o tango argentino, ele está sempre lá quando nada mais resta. Assista-se como se ouve Piazzolla ou Gardel. Corta. Fecha.

Note-se a insistência: alma. O que seja? “Essência imaterial, capaz de entender, querer e sentir, que unida ao corpo forma a individualidade”, diz um pai-dos-burros. Complemento. Tradições ocidentais de lado, para que não se imagine um essencialismo, perceba só isso: buscava-se algo mais, fosse o que fosse. Esse era o cinema, algo esquecido pelos mercadistas, tanto quanto pelos umbiguistas. Pois uns encoleirados pelo dinheiro, outros pelos próprios limites. Os instantâneos filmicos supracitados, por outro lado, trazem nostalgia. Um

tempo de abrir picadas pelo país, facão na mão. Um tempo de encantos fáceis, como índios exóticos, paisagens deslumbrantes, caipiras amistosos.

Dou um desconto para os novos: caçar hoje é bem mais difícil. Mas baixar a cabeça é inadmissível... Senão chegamos a obras (se é que) como *Pequeno Dicionário Amoroso*, masturbação tão cansativa e esgotante quanto um namoro baseado em fins-de-semana trancados num apartamento em uma metrópole contemporânea. Ali o homem está reduzido ao biológico, o amor é um fenômeno tão explicável quanto a maçã de Newton. Vazio (do filme) com vazio (do espectador) dá em... risos.

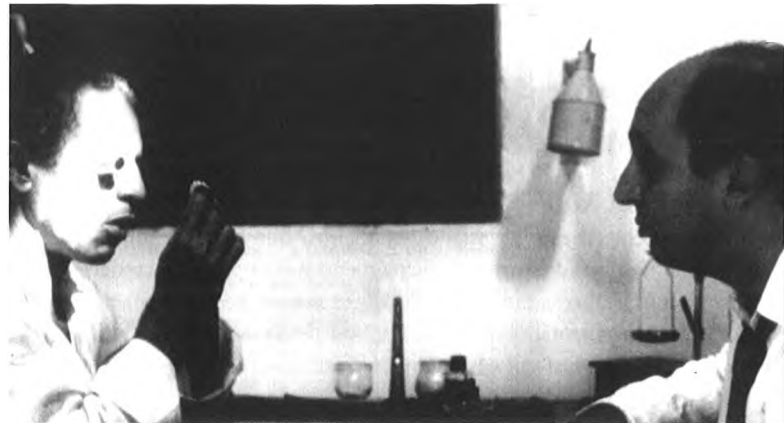
Ou *Céu de Estrelas*. “Se em algum momento eu percebesse que se parecia com uma parábola, eu jogaria tudo fora e recomeria do zero”, proclamou-me o roteirista Bonassi. Mas, metáforas e parábolas, que homem pode delas fugir? Usando arsenal inimigo: que prova Freud senão isso? Falta de ignorância... E o sujeito prefere projetar para o público suas próprias perebas...

Algo se perdeu, e os humildes o percebem. Em algum momento entre a antiga ditadura militar e a nova, democrática (que é a da maioria, como já disse o outro), a rola voou. Pergunte, e os que filmam hoje, em uníssono, responderão: “Somos autores!”. Autor: aquele de quem alguma coisa nasce. Mas estes tempos – quanto mais num país órfão como este – são de pais ausentes. Paternidade é responsabilidade: vômito, merda, arrotto não têm pai.

Truco? Eu chamo o zap e o grudo em tua testa. A estética, como disciplina, tem seus conformes e desconformes. Alegue os engenheiros, vou além da física, meta. Um tal Shusterman, filósofo americano, recentemente apontou para o *rap* como mostra da reemergência da responsabilidade do artista. Pois o professor Teixeira Coelho também escreveu faz pouco (na revista *Inter Poesia*): “Como muito artista não acredita mais na arte, muito espectador acredita que a arte não tem mais nada a lhe dizer: só a diverti-lo. A arte o diverte, e está bem assim. A arte, porém, tem ainda muita coisa a ensinar ao espectador (Nietzsche) \_ se o autor assumir o papel.”

É o x. O que o cinema brasileiro desta década fernandiana (Collor, Henrique) perdeu foi a fé. Não importa em quê. Alma, Deus, mandados às favas? Pois para ter essa coragem é preciso ser muito Homem. O problema é que os “autores” não creem nem mesmo em si próprios. E já há quem diga que o ato de criar é doentio, anormal. Ecos nazistas...

Exceção honrosa: *Notícias de uma Guerra Particular*, recém-lançado. João Salles e Kátia Lund buscam, caçam nesse filme. *Fé*, de Ricardo Dias, poderia ter chegado lá, mas esbarra no peso do autor, que não se ergue com sua obra. A viagem da arte exige a eliminação



do peso desnecessário (Teixeira) – como os pajés guarani que dançavam dias e dias para poder alçar vôo até a Terra sem Mal. *Baile Perfumado*, *O Cineasta da Selva* e *Coração Iluminado* – há algo mais entre os protagonistas: todos são estrangeiros. Invertiam os signos, ladinos perseguindo o que os boçais da terra ignoram. Qual David Byrne promovendo Tom Zé. “O truque não está em acreditar num conteúdo, o truque está em acreditar na arte não-reduzida e não-reduzida, na arte que não afunda com o peso do imanente e do imediato, que não se esfuma na invisibilidade e que não se auto-consome em questão de horas” (Teixeira).

Emendo que, muitas vezes, para acreditar na arte, começa-se por um conteúdo. Mas boa parte dos atuais cineastas brasileiros não têm nem uma, nem outra crença (e essa é a raiz da nostalgia dos humildes). Não são exceção, apenas espelham elites e classe média. E também se traem. Porque provam que não agem como artistas ou autores: produzem para si mesmos (em vez de ir ao psicólogo, a igreja, o puteiro, o bar, o CVV ou algum lugar espetacular para um suicídio) ou para o mercado (em vez de combatê-lo). “Diante de uma obra de arte, o ser humano quer tornar-se, ele, uma obra-prima (Nietzsche) (...). É difícil transformar-se em obra de arte diante de um monte de lixo” (Teixeira).

Espectadores diante do lixo, autores de cabeça baixa (“a vida não devia ser de cabeça baixa”, dizia João Rosa). E o Brasil continua esperando por algum cineasta que se atreva a chutar as portas do céu. Ou nem tanto. Basta atrever-se – eu não disse “chocar”.

Esse um que cito, arrombador das portas de Deus, é o Charlie Parker de Cortázar. E ele chocou apenas os dogmáticos. O que é bem diferente dos desesperados que andam filmando excrecências que escorrem de sua própria cabeça. E, claro, também dos bons-moços que vão à manicure para a festa do Oscar.